

À SOMBRA DAS PALMEIRAS

“A arte não é um espelho para refletir o mundo, mas um martelo para forjá-lo.”

Wladimir Maiakovski

No desafio de realizar uma ocupação artística em um espaço não tradicional de arte - galeria, museu ou centro cultural - mas, sim, em um pátio aberto de acesso e circulação de uma instituição educacional, impossível não pensar na questão espacial como elemento primordial e norteador da concepção da mostra. Cabe ressaltar que - *À Sombra das Palmeiras* - para além do poema *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias, que o título sugere, é muito mais uma apropriação real e efetiva de um espaço demarcado por quatro lindas palmeiras, que existem no local, do que uma alusão nostálgica a uma terra distante ou um metafórico paraíso perdido dos versos do poema romântico.

Desde a instauração do *locus* expositivo fora do padrão cubo-branco à ambiguidade do título - propositalmente mantida para dar o tom poético à ocupação - , lidar com incongruências e polissemias foi o perfil desenhado à curadoria, sem contudo perder o foco do evento: ser a comemoração de meio século da instituição anfitriã. Nessa via, valores como educação, tradição, patrimônio, memória, vieram se somar à conceituação da exposição como forma de contextualizar e produzir um sentido para a mostra, para além de uma mera ocupação artística. Ante a degradação e deslegitimação que essas instituições têm sofrido em nosso

país, aliadas a um gradativo retrocesso cultural, *À Sombra das Palmeiras*, é, antes de tudo, uma forma de resistência. A intenção não é nova, mas, em tempos sombrios, resistir é a palavra de ordem na urgência de um discurso possível. Contaminados por essa ideia, um time de setenta e dois artistas, não só cariocas, e com tendências artísticas diversas, atendeu ao desafio e aqui expõem suas obras, cujo tema é livre mas a atitude é a mesma!

Se a arte é embate e "da adversidade vivemos" (Hélio Oiticica), tal como ela, numa democracia, é o confronto das idéias que nutre esse processo vital. Assim, tendo como referência a *polis* grega, ao ressignificar um espaço através de uma descontinuidade em sua rotina, a mostra pretende ser também um lugar de reflexão sobre a perda dos espaços públicos - a praça, por exemplo - como lugares tradicionais de encontros e convivência, tão caros a uma vida democrática e, que, por vários fatores - violência e degradação econômica e social - vimos paulatinamente desaparecer, com reflexos na vida social e política da cidade. E nada melhor do que o ambiente acadêmico - lugar de produção de ideias - para se pensar a questão.

Retomando a incongruência como fio condutor da curadoria, a aproximação com a filosofia da diferença de Deleuze foi um caminho. Incluindo a arte no seu pensamento, além de outros saberes fora da filosofia, diz ele que a arte cria e pensa por si; que o ato da criação artística, *de vir* de si mesmo e numa lógica interna própria, ao lidar com o diferente, o disforme, o não padronizado, é ele o ponto de partida para busca da gênese fora da identidade e da representação.

“O velho mundo está morrendo, e o novo mundo luta para nascer: agora é o tempo dos monstros” (Antonio Gramsci). Em tempos líquidos e distópicos, face ao esgotamento das narrativas, ao rebaixamento da existência e do discurso político, e imobilizados numa espécie de pulsão de morte do capitalismo, a naturalização do absurdo se tornou uma norma.

Na contramão dessa tendência e adotando a manobra deleuziana, a arte, como campo de "perceptos" e "afetos" e agente transformador, ao romper com modelos identitários e de representação, acena como uma possível linha de fuga para se pensar os novos devires na contemporaneidade.